

O cardeal Burke personifica o tipo de “rigorista” legal, ao qual Francisco resiste ardentemente - *NCR*



o Cardeal Burke
é o símbolo vivo de uma
versão fracassada da Igreja

“Onde Burke e os seus semelhantes veem confusão, nós vemos uma abertura para novas formas de expressar a fé; onde ele afirma clareza e precisão, nós experimentamos a confusão de uma comunidade traída nos níveis mais profundos, por aqueles que, supostamente, deveriam ser exemplos do amor altruísta de Cristo”, constata e editorial do jornal *National Catholic Reporter*, 31-07-2019.

Os católicos, especialmente aqueles de tendência tradicional, gostam e entendem de símbolos. Alguém tão tradicionalista e conhecedor dos meios de comunicação como Timothy Busch, precisa de entender que, seja o que for que tenha sido dito durante o amplo congresso, no Instituto Napa, no fim de julho, o símbolo mais visível foi o cardeal Raymond Burke, um dos críticos mais explícitos do papa Francisco.

O congresso de cinco dias em Napa, Califórnia, no elegante *Meritage Resort and Spa*, uma das propriedades de Busch, foi claramente partidário (a senadora republicana Lindsey Graham, da Carolina do Sul, e o ex-governador republicano Scott Walker, de Wisconsin, eram os políticos à disposição) e, episcopal e teologicamente, com tendência para a extrema direita.

É claro que tudo isto não surpreende. Busch não fez nenhum segredo das suas ambições ou dos seus gastos destinados a influenciar a Igreja, as suas instituições e a narrativa que é oferecida à cultura mais alargada. Mas os símbolos são importantes, e Burke é um símbolo vivo, tanto em pensamento (amplamente expresso em termos bastante arrogantes, mesmo quando a sua crítica é dirigida contra o papa), como na aparência exterior (muitas vezes, amplamente adornada duma real parafernália de eras imaginárias de um passado distante).

O cardeal Burke é a versão moderna daqueles líderes religiosos que atraíam algumas das mais severas condenações de Jesus, daqueles que colocavam fardos indevidos sobre os ombros dos outros e se declaravam os portadores da verdade - NCR

O seu pensamento, nessa altura, sob o título “Proclamando as verdades da fé em tempos de crise”, foi a repetição de uma “declaração” de oito páginas que ele assinou com outros quatro prelados – um cardeal aposentado da Letónia e três bispos do Cazaquistão –, delineando quarenta pontos do ensino contemporâneo da Igreja, sobre os quais Burke e a sua coorte acreditam que “há muito erro e confusão”.

Dos pontos a que aludiu em Napa, o primeiro a ser abordado foi a “confusão” sobre trazer judeus e muçulmanos para o cristianismo. Burke defende uma abordagem mais agressiva na conversão de pessoas de outras religiões.

Poderia fazer um esforço para se familiarizar com a declaração *Nostra Aetate*, do Vaticano II, que fala, com grande consideração, das outras religiões mundiais, especificamente, do budismo, do hinduísmo, do islamismo e,

particularmente, do judaísmo. “A Igreja Católica nada rejeita daquilo que, nessas religiões, existe de verdadeiro e santo”, afirma o documento. “Ela olha, com sincero respeito, para esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem, em muitos pontos, daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem, não raramente, um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens.”

Burke é o representante de uma certa versão da Igreja, que acreditamos ter fracassado miseravelmente - NCR

Burke percebeu mais "confusão" na compreensão de alguns (incluindo, cada vez mais, os bispos dos EUA) da decisão da Igreja não permitir que as autoridades civis exerçam a pena de morte. Tratou-se de uma bofetada direta em Francisco, que defendeu e levou por diante a crescente objeção à pena capital, expressa nos dois últimos papados, e que, recentemente, descreveu a pena de morte como “uma séria violação do direito à vida de qualquer pessoa”.

Na imaginação de Burke, a comunidade católica está simplesmente pontilhada de almas confusas, e há erros por todo o lado. Afirma que um número significativo de católicos está em situação de “apostasia aberta”.

O cardeal Burke construiu a sua reputação de canonista que acha que o cristianismo católico é, sobretudo, uma empresa de transações, cuja principal vocação é obedecer a todo e qualquer detalhe de cada estatuto da Igreja - NCR

Desferiu outro golpe direto sobre Francisco, ao criticar o documento de trabalho do próximo Sínodo dos Bispos sobre a Amazónia, que inclui uma discussão sobre a possível ordenação de homens casados amplamente respeitados, para, assim, assegurar o acesso contínuo aos sacramentos.

“O celibato deriva do exemplo de Cristo”, disse o cardeal. O que até pode ser verdade, mas não é o único exemplo que nos é apresentado, já que os Doze incluíam homens casados, e a tradição do celibato tem, apenas, mil anos, metade da vida da Igreja. A tradição tem, certamente, mudado ao longo dos tempos.

Intencionalmente, ou não, o encontro de Napa forneceu-nos um elenco completo de pessoas que criam tensões agudas na Igreja, hoje em dia. Ao colocar Burke como o principal conferencista, Busch e os organizadores quiseram transmitir um sinal claro: a liderança leiga que eles exemplificam, levar-nos-ia de novo a uma Igreja romantizada que nunca existiu. Reconstituiria o clericalismo que está no cerne do escândalo do encobrimento dos abusos sexuais que continua a minar a autoridade da Igreja, e tentaria substituir o dinamismo do modelo de acompanhamento de Francisco, por um retorno a uma instituição vinculada aos estatutos, e estática no serviço a si mesma.

Burke é membro de uma cultura que, por instinto, optou por proteger aqueles que, violentamente, abusaram dos mais vulneráveis da comunidade, ignorando as vítimas dos perpetradores - NCR

Burke personifica o tipo de “rigorista” legal, ao qual Francisco resiste

ardentemente. É a versão moderna daqueles líderes religiosos que atraíam algumas das mais severas condenações de Jesus, daqueles que colocavam fardos indevidos sobre os ombros dos outros, e se declaravam os portadores indiscutíveis da verdade.

Numa entrevista anterior ao NCR, Busch rejeitou a ideia de ele se opor a Francisco, e quaisquer objeções ao fato de Burke encabeçar o seu congresso, afirmando tratar-se de um “teólogo sério”. Alguns podem até considerar Burke um teólogo. Ele, porém, construiu uma reputação de canonista que revela todos os indícios de pensar que o cristianismo católico é, sobretudo, uma empresa de transações, cuja principal vocação é obedecer a todo e qualquer detalhe de cada estatuto da Igreja, de acordo com a sua interpretação.

Não é exagero dizer que Burke se apresenta como representante, talvez em sentido extremo, de uma certa versão da Igreja, que acreditamos ter fracassado miseravelmente. É membro de uma cultura que, por instinto (e, não de forma insignificante, de acordo com os estatutos da Igreja daquela época), optou por proteger aqueles que, violentamente, abusaram dos mais vulneráveis da comunidade, ignorando as vítimas dos perpetradores.

Francisco convida-nos a um abraço muito mais aventureiro da fé - NCR.

Por exemplo, no seu discurso de abertura do Sínodo sobre os jovens, disse o seguinte: “Este Sínodo tem a oportunidade, a tarefa e o dever de ser sinal de uma Igreja que, realmente, se põe à escuta, que se deixa interpelar pelas reivindicações daqueles com quem se encontra, que nem sempre tem uma resposta pré-preparada já pronta. Uma Igreja que não escuta, revela-se fechada à novidade, fechada às surpresas de Deus, e não poderá ser credível, em particular para os jovens que, inevitavelmente, se afastarão, em vez de se aproximarem”.

Talvez esta tensão entre as fronteiras rígidas e inflexíveis da lei, e uma abordagem pastoral que convida ao diálogo, valoriza a escuta e encoraja as perguntas – características que perturbam os legalistas – seja algo inevitável e perene!

Onde Burke e os seus semelhantes veem confusão, nós vemos uma abertura para novas formas de expressar a fé; onde ele afirma clareza e precisão, nós experimentamos a confusão de uma comunidade traída -

NCR

No entanto, onde Burke e os seus semelhantes veem confusão, nós vemos abertura para novas formas de expressar a fé; onde ele afirma clareza e precisão, nós experimentamos a confusão de uma comunidade traída, nos níveis mais profundos, por aqueles que, supostamente, deveriam ser exemplos do amor altruísta de Cristo.

É chegada a hora de abrir espaço a novos símbolos: uma comunidade onde os pobres sejam convidados para o banquete; uma autoridade em que a misericórdia prevaleça sobre os preceitos; um acompanhamento baseado no amor e na aceitação, em que as dúvidas e as perguntas não sejam razões de escárnio e afastamento.

a resistência de um setor do clero, ao governo pontifício de Francisco, se torna cada dia mais evidente.



“MÜLLER e companhia já preparam o próximo conclave, para que o sucessor de Francisco se veja obrigado a tomar outro caminho”, alerta José María Castillo

"Recentemente, o cardeal Müller disse, segundo circula na imprensa, que a Igreja tem agora **"um papa herético"**. Não entendo como é que a cabeça de um cardeal tão conhecido, como é o caso do cardeal Müller, o leva a proferir e difundir um tal disparate [...] O que é que estará por trás de tudo isto? Sem dúvida alguma, gastar e desgastar a imagem e o modo de governar do papa Francisco, preparar o conclave, para que o seu sucessor se veja obrigado a seguir outro caminho", escreve o teólogo espanhol JOSÉ MARÍA CASTILLO, em artigo publicado por *Religión Digital*, 31-07-2019.

Não é segredo para ninguém, que as relações de um setor do clero com o papa Francisco, não são que se pode dizer fáceis e descontraídas. Um exemplo eloquente, neste sentido, é o que, recentemente, afirmou o cardeal Müller (ex-prefeito do Santo Ofício) que, segundo circula na imprensa e nas redes sociais, terá dito que a Igreja tem, agora, “um papa herético”.

Não entendo como é que a cabeça de um cardeal tão conhecido, como é o caso do cardeal Müller, o leva a proferir e difundir um tal disparate.

Em todo caso, e seja qual for o comportamento do ex-prefeito do Santo Ofício – o facto é que a resistência de um setor do clero, ao governo pontifício de Francisco, se torna cada dia mais evidente.

Agora, quando se aproxima a data do Sínodo da Amazónia, o afastamento dos resistentes a este papado acentua-se cada vez mais. E o motivo mais destacado – segundo dizem os entendidos no assunto – é o tema do celibato eclesiástico. Porque, como é lógico, se a lei do celibato deixar de ser obrigatória para os padres que exercem o seu ministério entre os

indígenas da Amazônia, por que razão deverá ela continuar a obrigar os párocos da Europa?

O celibato não é uma lei universal

É o que pensam e dizem os clérigos “anti-Francisco”. Porém, será o tema do celibato o que, realmente, leva esses padres (e seus sequazes) a atacar o papa? Não precisa de se ser nem um sábio, nem um lince para perceber que há uma armadilha, em todo este assunto. É que o celibato dos padres não é “uma verdade em que seja preciso acreditar com fé divina e católica” (cân. 751). O celibato dos padres é uma lei eclesiástica. Uma lei que nunca foi universal. Para os clérigos católicos da Igreja Oriental, não é uma lei obrigatória. E mais: só foi introduzida no Ocidente, após séculos de fortes discussões.

Além disso, no Novo Testamento, diz-se que a ordenação de bispos e presbíteros deve ser administrada a homens casados (1 Tm 3, 2-5,12; Tt 1, 6), que saibam governar bem a sua casa e a sua família. Porque quem não sabe educar a sua família na fé, como cuidará da Igreja de Deus? Sabe-se, também que, no concílio de Niceia (ano 325), segundo o historiador Sócrates, alguns bispos propuseram “introduzir uma nova lei na Igreja: que os ordenados, isto é, os bispos, os presbíteros e os diáconos, não dormissem com suas esposas, com quem se casaram enquanto leigos”; mas Pafnúcio, bispo da Tebaida Superior, celibatário e venerado confessor da fé, interveio contra a

proposta, “gritando, em voz alta, que este jugo pesado não deveria ser imposto aos homens consagrados, dizendo que o ato matrimonial também é digno de honra e imaculado; nada de prejudicar a Igreja, exagerando a severidade; porque nem todos podem resistir ao ascetismo da "apatheia", nem se proferiria, equitativamente, a temperança de suas respetivas esposas" (*Hist. Eccl.* I, XI. PG 67, 101-104). Isto foi dito no primeiro concílio ecuménico da Igreja, alguns anos depois de o Sínodo de Granada local (Ilíberis) impor aos clérigos casados a obrigação da continência.

Um papa herético?

Não é minha intenção recordar, aqui, a complicada e longa história do celibato na Igreja. O que pretendo (e devo) é insistir que não tem pés nem cabeça recorrer a ele, para qualificar o papa Francisco de "herético", por decisões (que ainda não foram tomadas) possíveis de ser assumidas no Sínodo Pan-Amazónico. O que é que estará, então, por trás de tudo isto? Sem dúvida alguma, gastar e desgastar a imagem e o modo de governar do papa Francisco.

Este desgaste, por quê e para quê? A coisa mais lógica parece ser que toda esta bagunça desagradável tem um propósito óbvio: preparar o conclave, para que o sucessor de Francisco se veja obrigado a seguir outro caminho. Não há dúvida: um papa que humaniza o papado e o aproxima dos que mais sofrem na vida, não "convém" (?) nem à Igreja, nem ao mundo em que vivemos.

a Cúria é um dos cancros da Igreja”

Polémico, desassombrado, Pe. **Anselmo Borges** não se cansa de defender a ideia de uma Igreja mais próxima das origens e aberta a todos. Confrontado com a partida dos monges da Cartuxa de Évora, lamenta o desaparecimento de um espaço de silêncio em Portugal.

Num texto, afirmou que a Igreja tem dupla identidade e foi capaz de gerar Francisco de Assis e Torquemada. Atualmente está mais próxima de Assis ou da Inquisição?

Essa pergunta nem deveria sequer poder ser feita. Se a Igreja quiser ser de Jesus, só pode ser de Assis. A Igreja deve ser o sentido último da existência: Deus enquanto amor. O evangelho é uma notícia boa e a inquisição não é uma boa notícia.

Esta semana foi divulgado que os monges Cartuxos vão sair de Portugal. Saem porque são poucos. É um reflexo da falta de vocações? Com eles parte um espaço de silêncio?

É uma das crises maiores do nosso tempo, marcado pelo ruído, a pressa e por uma razão instrumental. Temos uma profunda crise de valores porque no meio do tsunami de informações vivemos cada vez mais na exterioridade de nós. Corremos o risco da alienação. Já não vamos ao mais íntimo nem apreciamos o silêncio nem o encontro com o mistério a que chamamos Deus, e que está no mais profundo de nós, a voz da consciência. A Cartuxa era um apelo ao silêncio. Com a partida deles fica um vazio, próprio do nosso modo de estar no mundo.

Deixamos de perceber aquela missão de recolhimento?

Não compreendemos mais a utilidade do inútil. O ser humano ascendeu a ser homem, de forma distinta de todos os animais, quando pela primeira vez um rapaz foi à procura de uma flor — que dá perfume sem porquê — para oferecer a quem amava. Para que serve este gesto? Quanto custa? Mas isso é que é o melhor da humanidade: o gratuito. Hoje tudo se vende. É preciso voltar ao Evangelho: não podeis servir a Deus e ao dinheiro, compreendido como um ídolo. E a saída dos monges é sinal desta profunda crise de humanidade.

É também sinal da falta de vocações? Em outubro realiza-se o Sínodo da Amazônia, onde há quem espere uma autorização para a ordenação de homens casados nas regiões mais remotas do planeta. Qual a sua expectativa?

Desde o início do Pontificado de Francisco que tenho anunciado a minha convicção de que vamos assistir, ainda com este Papa, à ordenação de homens casados. E estou convicto de que acontecerá no Sínodo para a Amazônia.

Esta é uma questão que levanta muitas objeções na Igreja e o argumento invocado é que esta exceção poderia ser aceitável em regiões isoladas. O Alentejo, com a falta de vocações, não pode ser considerado uma região remota? Ou é a própria Igreja que se

tornou remota dos seus fiéis?

A Igreja está afastada do evangelho. Quando digo Igreja, refiro-me à oficial. Não é preciso reformar a Igreja, mas sim recriá-la, voltar ao projeto inicial. No princípio acreditou-se em Jesus vivente. Foi crucificado porque enfrentou o templo e os sacerdotes da altura. Morreu como um blasfemo e subversivo social e político. Muitos acreditaram na sua mensagem e formaram comunidades de fé e de vida. “Vede como eles se amam”, diziam os pagãos quando olhavam para essas primeiras comunidades. Jesus não deixou sacerdotes; deixou comunidades. Daí a pergunta: porque é que uma mulher cristã não pode presidir à eucaristia, desde que escolhida pela comunidade? Um padre ser casado? E por tempo determinado? O problema da Igreja é esta gigantesca estrutura piramidal com muito poder e pouco amor.

O problema da Igreja é a Cúria?

É um dos cancros da Igreja. É responsável por mais ateus do que Karl Marx, Nietzsche e Freud juntos. A Inquisição, a condenação de Galileu, de Darwin, a misoginia...

Este ano, entre quatro padres ordenados, um era cego. Mas nenhuma mulher. Faz sentido?

Não. Que comunidades temos nós que não são capazes de organizar os seus próprios ministérios? Na Igreja primitiva, os coordenadores não eram impostos de fora, emergiam da própria comunidade. Jesus não queria sacrifícios, mas justiça e misericórdia. Foi sacerdote, mas não no sentido da vítima oferecida a Deus para que este aplaque a sua ira e se reconcilie com a humanidade. Foi sacerdote, como todos os cristãos, no sentido do oferecimento da vida a Deus e

uns aos outros. Seja na política, na gestão... Esse é o verdadeiro sacerdócio do Novo Testamento. Deus não precisa de vítimas.

Não receia pelo Sínodo no Brasil atual?

Estou convicto de que vai haver conflitualidade. Há demasiados interesses económicos envolvidos. O Sínodo não vai tocar apenas nos problemas da Igreja, mas também terá uma dimensão ecológica e de preservação dos direitos dos indígenas, temas caros ao Papa Francisco. É mais um ato de coragem do Papa a favor da humanidade.

Portugal deveria ter um papel de destaque neste Sínodo?

Não só Portugal, como também os países de língua oficial portuguesa.



por Christiana Martins

https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2440/html/primeiro-caderno/a-fechar/a-curia-e-um-dos-cancros-da-igreja?imp_reader_token=980580a2-19e7-467c-810c-c906ac724732